




A DENSA E COMPLEXA EXPERIÊNCIA SOCIAL GOIANA: HISTÓRIA DAS MULHERES, RELAÇÕES DE GÊNERO E SEUXUALIDADES EM GOIÁS.

THE DENSE AND COMPLEX SOCIAL EXPERIENCE OF GOIÁS: HISTORY OF WOMEN, GENDER RELATIONS AND SEXUALITIES IN GOIÁS.

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.19222>

Lucas Rodrigues do Carmo

Universidade Federal de Goiás

 <https://orcid.org/0000-0002-4616-4196>
lucasrodrigues211@hotmail.com

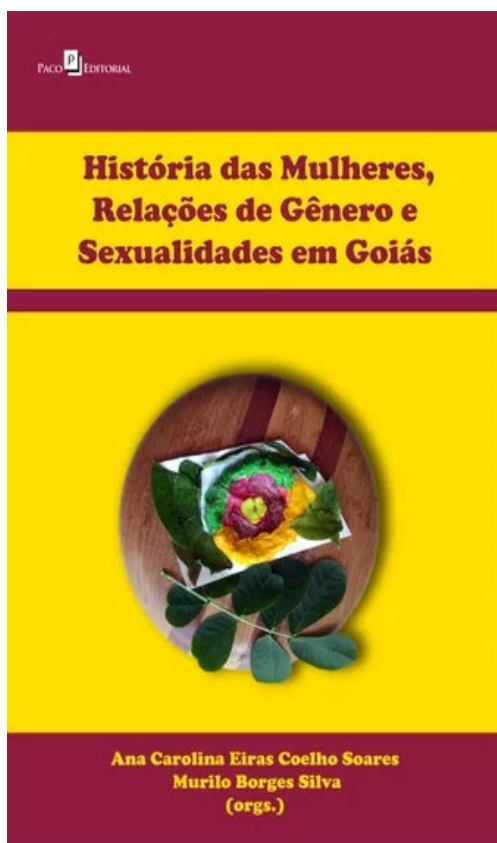
Recebido em: 24 de abril de 2023.

Primeira revisão: 08 de maio de 2023.

Revisão final: 10 de junho de 2023.

Aprovado em: 10 de junho de 2023.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. SILVA, Murilo Borges Silva. **História das Mulheres, Relações de Gênero e Sexualidades em Goiás**. Jundiá: Paco, 2021.



A obra *História das Mulheres, Relações de Gênero e Sexualidades em Goiás* reúne um conjunto de publicações que pavimentam os caminhos construídos na historiografia goiana, desde a década de 1990. O conjunto de vinte e quatro capítulos mira a pluralidade de narrativas produzidas em/sobre Goiás e (re)significa nossas compreensões sobre o passado e o presente. No prefácio do livro, a historiadora Vera Lúcia Pulga é categórica:

Se antes eram considerados temas menos importantes, marginais da escrita da História, hoje presenciamos as posições se modificarem mesmo que ainda persistam tentativas de retrocessos (PULGA, 2021, p. 16)

O livro em questão nos fornece um conjunto de pesquisas de fôlego, que faz contraposição às narrativas sobre o sertão goiano, sedimentadas

nas dicotomias decadência/prosperidade, atraso/modernidade, evidenciando, assim, sujeitos/as densos/as e complexos/as, que disputam os poderes e são colocados/as em tela para além dos binarismos, em posição de protagonistas.

A historiadora Diva Muniz, pioneira nos estudos de gênero na região Centro-Oeste, certifica que “Goiás faz história... Goiás faz gênero... Goiás produz conhecimento sobre suas mulheres” e realizar estudos de gênero e história das mulheres em Goiás, trata-se de

Um modo de fazer que inclui os diálogos, às vezes ásperos, e também confrontos, com a memória individual/social do vivido e do narrado, atentando para as mediações dos agentes históricos (MUNIZ, 2021, p. 105)

Na apresentação do livro, Ana Carolina Eiras Coelho Soares e Murilo Borges Silva, organizadores de *História das Mulheres, Relações de Gênero e Sexualidades em Goiás*, são auspiciosos ao afirmarem que: “Todas as vidas que viveram em Goiás importam”. De fato, o conjunto da obra é um exercício de reconhecimento das humanidades, da importância das narrativas de existências e resistências que reestabelecem os fluxos históricos e descortinam as potencialidades da experiência social goiana.

Professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores, referências nacionais e internacionais, ou iniciantes em suas áreas de atuação, reúnem-se num esforço coletivo de engajamento na construção de uma historiografia forjada no combate às opressões, que confere novos tons, e modos de ser e viver no sertão goiano.

De acordo com Ana Coelho e Danielle Santos, autoras de “O protagonismo goiano de Augusta De Faro Fleury e Iracema de Carvalho Curado”, na historiografia goiana,

As mulheres, raramente citadas, ainda permanecem na constituição da narrativa do passado goiano, nas sombras ou como “outras” na história. Essa historiografia faz querer crer que a alteridade na construção do passado regional pertence ao homem goiano, e que a história das mulheres goianas constitui um capítulo à parte das narrativas do passado regional (COELHO, SILVA, 2021, p. 37)

A análise do jornal *O Lar*, articulado com trajetórias familiares e diversas em torno do Gabinete Literário, é prova de que as mulheres goianas construíram redes de solidariedade e sociabilidade, promovendo agenciamentos e táticas com o objetivo de conseguir legitimidades.

Rosaria de tal, Anna Rosa do Carmo, Joanna Maria Conceição e Ozoria Soares da Silva são as protagonistas de “As mulheres no Crime: discursos jurídicos sobre a violência feminina (Jatahy, 1911-1926)”. No referido texto, Cleidiane França historiciza a construção de discursos sobre as mulheres criminosas nas fontes judiciárias produzidas no sertão goiano, valendo-se de uma abordagem que promove o deslocamento do presunçoso lugar das mulheres enquanto vítimas.

Temos a oportunidade de acompanhar histórias de mulheres fabricadas por ordens e redes discursivas que procuravam controlar os corpos e comportamentos femininos, mas

que também evidenciam o agenciamento dessas mulheres na História.

Agentes de dois tipos de violência, a saber: homicídio e lesão corporal, as mulheres criminosas jataienses não estavam reclusas e pacatas em seus lares. Pelo contrário, cometeram seus delitos nas principais ruas da cidade, fazendo uso de punhais, enxadas, armas de fogo, etc. Ora foram condenadas, por vezes absolvidas. De acordo com a autora, “são representações de resistência”.

Movida pelo interesse insurgente de construir uma interlocução com as mulheres sem-terra na escrita de suas histórias, Flávia Machado nos apresenta “‘Maria Vai Com As Outras’: Narrativas de Vida e de Luta de Mulheres Sem-Terra em Goiás”. Emergem no texto diferentes trajetórias e espacialidades, marcadas pelos “entrecruzamentos de classe, gênero, sexualidades, raça, geração, desterramento e outras formas de opressão”, e que, adicionalmente, são impulsionadas pela re(existência) de seus corpos-políticos que promovem justiça social por meio da luta pela terra e pela luta na terra.

As entrevistas, realizadas no Projeto de Assentamento Canudos em Palmeiras de Goiás e no Acampamento Leonir Orback em Santa Helena de Goiás, conduzidas pelas metodologias da História Oral, trazem à baila mulheres entre 24 e 76 anos, que de acordo com a historiadora,

Apesar de invisibilizadas por uma cultura patriarcal, classista, racista e latifundiária, as mulheres camponesas são responsáveis pela produção e reprodução; são elas que plantam, colhem, guardam as sementes e lutam pela sobrevivência. Ainda que “interditadas” nas produções históricas de e sobre Goiás, estas mulheres se mobilizam em torno do reconhecimento de suas existências e resistências, amplificando cada vez mais suas vozes silenciadas nos movimentos, na História e no cotidiano (MACHADO, 2021, p. 174)

Mulheres que forjam suas histórias de vida através dos frutos produzidos nas/pelas terras goianas são a chave do texto “Flores do Cerrado: Trabalho e Relações de Gênero nas Histórias de Vida de Vendedoras de Pequi em Goiás”. Kenia Medeiros e Álvaro Regiani - também numa perspectiva de escrita da história colaborativa, que gera encontro e comunicação com as mulheres trabalhadoras - nos apresenta as constituições de sentido para História, trabalho e gênero das entrevistadas.

Ao realizarem um registro histórico da atividade informal da venda do pequi nas margens da BR 020, na altura do povoado de Rodovilândia, localizado na região Noroeste do estado de Goiás, percebemos que a atividade econômica confere sentidos identitários ao povoado em si e ao que concebemos como goianidade. Representa, ainda, uma leitura política e social do Brasil, “a possibilidade de aquisição de bens materiais e de níveis diferentes de independência”.

Nas trilhas dos estudos sobre as sexualidades, Tony Boita e Jean Baptista construíram “Patrimônio Cultural LGBT: Ensaio sobre a Parada e Lugares de Memórias em Goiânia”. O texto é oriundo de um amplo projeto intitulado Memória LGBT, em conjunto com a Revista Memórias LGBT, o curso de graduação em Museologia da Universidade Federal de Goiás e o

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFG.

Partindo de casos de violências cometidas contra pessoas LGBT em Goiânia, Porto Alegre e São Paulo, os autores nos apresentam territórios historicamente frequentados pela população LGBT e como tais espaços nos informam sobre as relações existentes entre consumo e pertencimento, seja nos shoppings, bares, boates, saunas, cinemas, praças, vielas... territórios patrimoniais LGBT.

Goiânia, "capital de um estado ultraconservador", figura entre as capitais precursoras das Paradas LGBT, festividade amplamente difundida no país. Portanto, a leitura do texto nos ajuda a reconhecer os agenciamentos de "pessoas fazedoras de cultura, memórias e histórias", visto que

A preservação das memórias e registros culturais da comunidade LGBT é instrumento fundamental não apenas à preservação de espaços e objetos, mas, sobretudo, estratégia à sobrevivência (BOITA, BAPTISTA, 2021, p. 532)

A utilização da sigla LGBT foi uma escolha dos autores, visando "caminhar em consonância com documentos técnicos-jurídicos" que orientam os debates no campo das Políticas Públicas. Já no texto "As Invisíveis Homossexualidades na Historiografia Goiana", Rhanielly Pinto opta pela utilização da sigla LGBTQI+, tendo por base o Manual de Comunicação LGBTQI+, organizado pelo Grupo Dignidade (2018). Segundo o autor, a ampliação proporciona uma "maior penetração dentro da própria comunidade" (PINTO, 2021, p. 363).

As invisibilidades apontadas por Rhanielly Pinto são feitas em tom convocatório, exortando: "aquelas, aqueles e tantas outras a se levantarem e tomar para si o desafio de escrever a sua história e a história de suas irmãs" (PINTO, 2021, p. 364). Pensar e construir uma historiografia goiana "fora do armário" é tarefa urgente, que deve estabelecer diálogos com outras áreas do conhecimento em avanço no debate em escala local.

Ao se debruçar sobre a trajetória familiar de Anna Maria, mulher negra que teve a sua liberdade e a de seus/as filhos/as contestadas, Murilo Borges Silva contribui com o texto "Confessada a Liberdade da Mãe, Não se Pode Julgar o Captiveiro dos Filhos": Protagonismo Feminino nas Lutas Pela Liberdade em Goiás – Século XIX". Valendo-se de uma rica gama de fontes, tais como: cartas de liberdade, testamentos, livros de notas e publicações nos jornais Goyaz e O Publicador Goyano, o autor lança questionamentos pertinentes para pensarmos a precariedade da afirmação da liberdade desses/as sujeitos/as.

As histórias de Romana, mãe de Anna Maria, que, por sua vez, foi mãe de João, Jacob, Rita e Firmino, todos/as envoltos na luta por afirmação/conquista da liberdade, nos dão contornos de entendimento para as complexas relações de parentesco e sociabilidades no Goyaz oitocentista, pois apresentam-se "um sem número de filhos/as naturais, irmãos/ãs, primos/as, escravizados/as, libertos/as e livres dividindo os mesmos espaços, trabalhos e relações cotidianas" (SILVA, 2021, p. 335).

Por se tratar de uma obra densa e complexa acerca da experiência social goiana, muitos textos escapam da empreitada de uma resenha. As masculinidades, as dimensões

da história ensinada, os diálogos entre a História e Antropologia, e muitos outros campos, fontes e abordagens são acionadas em História das Mulheres, Relações de Gênero e Sexualidades em Goiás.

O que posso garantir ao leitor é que o livro em questão é um esforço inédito na historiografia goiana, cumpre com a tarefa de abrir novos percursos, “trata-se de abrir uma clareira no território dominado pela memória histórica, pela tradição, pelo domínio privado na historiografia goiana” (ARRAES, SANDES, 2018, p. 62).

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Cristiano Alencar. SANDES, Noé Freire. **A História Escrita** – percursos da historiografia goiana. Goiânia, Gráfica UFG, 2018.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. SILVA, Murilo Borges Silva. **História das Mulheres, Relações de Gênero e Sexualidades em Goiás**. Jundiá: Paco, 2021.